

# **Anedotas da Pintura na Inglaterra: Prefácio (1762)<sup>1</sup>**

**Horace Walpole**

**Tradução: Daniela Kern**

Quando oferecemos ao público os trabalhos de uma pessoa, é admissível o costume de discorrer em louvor ao trabalho. Dessa indulgência, no entanto, não devo tirar vantagem. A indústria do Sr. Vertue era suficientemente conhecida: o mundo dos antiquários tem singulares obrigações para com ele. Os muitos monumentos valiosos relacionados a nossa história, e às pessoas de nossos monarcas e grandes homens, que ele salvou do esquecimento, são duradouras evidências de seu mérito. Que agradecimentos são devidos a ele pelo material das próximas páginas, o público deve determinar. Logo, longe de me empenhar em predispor-lo a favor da obra, deve ser meu papel honestamente dizer a ele o que deve esperar.

Na Itália, onde a arte da pintura foi levada a um impressionante grau de perfeição, as vidas dos pintores foram escritas em numerosos volumes, eles apenas suficientes para compor uma pequena biblioteca. Cada pintura de cada mestre considerável é minuciosamente descrita. Aqueles biógrafos tratam das obras de Rafael e Correggio com tanta importância quanto comentadores falam de Horácio ou Virgílio, e indulgindo a si mesmos no estilo inflado de sua linguagem, falam das pinturas como obras quase que de uma divindade, enquanto ao mesmo tempo lamentam que estejam perecendo diante de seus olhos. A França, que não possui nem muitos mestres, nem o hiperbólico em sua dicção, planeja, no entanto, suprir pela vaidade o que está faltando em

---

<sup>1</sup> Traduzido a partir de WALPOLE, Horace. Preface. In: \_\_\_\_\_. *Anecdotes of Painting in England, with some account of the principal Artists; and incidental NOTES on other ARTS; collected by the late Mr. George Vertue; and now digested and published from his original MSS by Mr. Horace Walpole*, v. 1. 4. ed. London: J. Dodsley, 1786. p. i-xiv.

ambos os casos. Poussin é deles o milagre do gênio, Le Brun disputaria precedência com metade da escola romana. Um volume inteiro é escrito mesmo sobre a vida e as obras de Mignard. Voltaire, que entende sobre quase tudo, e que não suspeita de que o julgamento em pintura é uma de suas deficiências, fala ridiculamente ao recomendar alguns de seus *performers*.

Este país, que nem sempre erra em alardear suas próprias produções, não tem um único volume para mostrar as obras de seus pintores. Na verdade, ele muito raramente deu nascimento a um gênio nessa profissão. Flandres e Holanda nos mandaram os maiores homens dos quais podemos nos gabar. Essas mesmas circunstâncias podem com razão prevenir o leitor contra uma obra, cujo principal objetivo deve ser celebrar as artes de um país que produziu tão poucos bons artistas. Essa objeção é tão surpreendente que, ao invés de chamar a essa obra de *Vidas dos Pintores Ingleses*, eu simplesmente dei o título de *Anedotas da Pintura na Inglaterra*. Na medida em que isso responde àquele termo, talvez seja considerado curioso. Os incansáveis trabalhos do Sr. Vertue não deixaram inexplorado nada que pudesse iluminar esse tema, e colateralmente o levaram a muitas particularidades que são ao menos divertidas. Eu não mais faço alusão a eles, nem aconselharia homem algum que não adorasse bagatelas curiosas a se dar ao trabalho de virar essas páginas. Do antiquário espero maiores agradecimentos, é mais fácil agradá-lo do que a um leitor comum: um exige ser divertido, ao menos instruído, o outro requer apenas ser informado.

O Sr. Vertue por muitos anos coletou materiais para esta obra. Ele conversou e se correspondeu com a maior parte dos *virtuosi* na Inglaterra; ele se encontrou pessoalmente com os mais antigos *performers* dessa ciência, tomou nota de cada coisa que ouviu deles. Ele visitou cada coleção, fez catálogos delas, frequentou leilões, copiou cada papel que pôde encontrar relativo à arte, procurou em escritórios, registros de paróquias e registros de testamentos por nascimentos e mortes, vasculhou todos os nossos próprios autores, e traduziu aqueles de outros países relacionados a seu tema. Ele colocou por escrito cada coisa que ouviu, viu ou leu. Suas coleções chegavam a quase quarenta volumes grandes e pequenos: em uma de suas cadernetas encontrei uma nota sobre sua primeira intenção de compilar tal obra; isso foi em 1713, ele

prosseguiu assiduamente com esse trabalho até sua morte em 1757. Esses manuscritos comprei de sua viúva após sua morte, e talvez surpreenda o leitor o quão perto de completa é a obra oferecida a ele, ainda que a pesquisa tenha começado em um período tão tardio. Digo “começado”, pois o pouco que foi feito anteriormente sobre esse tema estava tão longe de poder ser ajudado que é de pouca utilidade. O esboço chamado *Um Ensaio sobre uma Escola Inglesa*, no final de uma tradução de De Piles, é tão superficial quanto possível; mal poderia um fato ser tomado de empréstimo dali até chegarmos a tempos muito modernos. Em geral fui escrupuloso em reconhecer tanto as dívidas do Sr. Vertue como as minhas próprias. Os catálogos das obras de Hollar e Simon, e aqueles da coleção do Rei Charles I, Rei James II e do Duque de Buckingham faziam parte do plano original do Sr. Vertue, que é agora completado por esses volumes.

O compilador fez vários rascunhos de um começo, e várias vidas ele escreveu, mas sem ordem, conexão, acuidade, nem era seu estilo claro ou correto o suficiente para ser oferecido ao leitor naquela forma pouco refinada. Fui obrigado a compor novamente cada artigo, e recorri às fontes originais a partir das quais ele redigiu sua informação; quero dizer, quando ela foi tirada de livros. O indigesto método de suas coleções, registrado ocasionalmente na medida em que ele tomava conhecimento de cada circunstância, foi um problema adicional, pois fui forçado a folhear cada volume muitas e muitas vezes, como eles eram confusos, para coletar os artigos que queria; e no que diz respeito à segunda e terceira partes, contendo entre três e quatro mil nomes, reduzi para compor eu mesmo um índice para os quarenta volumes. Uma satisfação que o leitor terá é a integridade do Sr. Vertue, que excede sua indústria, o que é dizer muito. Nenhum homem vivo, tão fanático por uma vocação, jamais foi tão incapaz de falsidade.

Ele não barganhava nem em hipótese, raramente em conjectura. Ele visitou e revisitou cada obra, cada monumento que era objeto de suas pesquisas; e sendo tampouco um escravo de sua própria imaginação, ele era cauteloso em confiar naquela dos outros. Em seus memorandos sempre colocava um *quaere* contra o que quer que tenha sido dito a ele de aspecto suspeito; e nunca dava crédito a isso até que recebesse a mais completa satisfação. Assim, qualquer

bagatela que o leitor encontre, terá o conforto de saber que a maior parte ao menos é da mais genuína autoridade. O que quer que eu tenha adicionado aos estoques do compilador, geralmente tomei cuidado em citar religiosamente a fonte de minha inteligência. Aqui e ali procurei mitigar a secura do tema inserindo fatos não totalmente alheios a ele. Ainda assim, no conjunto, eu me desesperei com a ideia de que essa [obra] oferecesse muito entretenimento. O público tem um título para o que quer que seja destinado a ele: ofereço-lhe isso como uma dívida – ninguém vai suspeitar que eu devesse ter escolhido tal tema pelo mesmo.

Se a observação de uma escassez de grandes nomes nessa lista deve excitar emulação, e tende a produzir mestres mais hábeis, o Sr. Vertue, acredito, e eu ficaríamos felizes que a continuação da obra fizesse maior honra a nosso país. Seria difícil talvez indicar uma razão física pela qual uma nação que produziu Shakespeare, devesse sua glória em outra esfera de ação de gênios a Holbein e Van Dyck. Isso não pode ser imputado à falta de proteção: quem promoveu as artes mais do que Charles V? Aquele príncipe, que é censurado por sua falta de gosto ao conceder uma pensão a Quarles, é celebrado pela mesma pena por ter empregado Bernini — mas falta de proteção não é a desculpa para falta de gênio: Milton e Fontaine não escreveram deleitando-se com os favores da corte. Um poeta ou pintor podem querer uma carruagem de luxo ou uma *villa*, por meio do desejo de proteção: mas eles sempre podem garantir a compra de tinta e papel, cores e lápis. O sr. Hogarth não recebeu honras, mas admiração universal.

Qualquer que tenha sido anteriormente a reclamação, temos subsídios para esperar que uma nova era esteja tendo início. O gênio é promovido, e a emulação irá se seguir. Nem é uma má indicação do estado florescente de um país que ele diariamente faça melhorias nas artes e ciências. Elas podem assistidas por luxo, mas certamente são produzidas por riqueza e felicidade. As conveniências, as decorações da vida não são estudadas na Sibéria, ou sob um Nero. Se a severa moralidade esperasse, em qualquer tempo, estabelecer uma abrangente reforma, temo que devesse escolher climas inóspitos, e abolir toda a liberdade das leis. Uma corporação nunca teria mantido suas promessas a Licurgo de observar seus estatutos até que ele retornasse. Um bom governo,

que permita a seus súditos o exercício de seus próprios pensamentos, irá ver o surgimento de milhares de invenções, refinamentos irão se seguir, e muito prazer e satisfação serão produzidos, ao menos antes que o excesso chegue, que tão justificadamente se diz ser o precursor da ruína. Mas tudo isso está no curso normal das coisas, que tende à perfeição e então degenera. Seria um legislador muito absurdo aquele que pretendesse impor limites ao bem-estar de seu país, com medo de que perecesse por não conhecer limites. A pobreza irá restringir a si mesma; os ricos devem ser deixados à sua própria descrição; eles dependem do comércio, e circunscrever o comércio é aniquilá-lo. Não é rígido ou romano dizer isso, mas é mais provável que um povo seja infeliz por sua própria culpa, do que por aquela de seu governo. Uma *Cenfor morum* não é bênção muito maior do que um *Arbiter elegantiarum*. O mundo, acredito, de modo algum concorda que as austeridades dos presbiterianos sejam preferíveis à licenciosidade de Charles II. Pretendo defender um não mais do que o outro, mas estou certo de que no corpo político, sintomas que prognosticam doença podem indicar saúde. Tudo o que quis dizer era que a disposição para melhorias nesse país é a consequência desse vigor. O estabelecimento de uma sociedade para o encorajamento das artes irá produzir grandes benefícios antes que sejam pervertidas em males. Os prêmios concedidos por essa sociedade, para facilitar as necessidades de vida aos pobres, para encorajar o uso de nossas próprias drogas e materiais, ou para naturalizar aqueles de outros países, são concedidos sobre nobres princípios e com visões patrióticas. Essa sociedade não negligencia nem mesmo as elegâncias da vida: Artes que são inocentes em si mesmas, e benéficas ao país, tanto por adicionar valor a nossas produções, ou por atrair riquezas na medida em que convidem estrangeiros a nos visitar, são dignas da atenção de bons cidadãos; e sob todas aquelas luzes tal sociedade age a partir de um plano nacional e extensivo.

A arte, que é o principal tema dessas páginas, é uma das menos aptas a ser pervertida: a Pintura raramente foi empregada para qualquer mau propósito. Imagens são apenas o cenário de devoção. Questiono se o próprio Rafael poderia jamais ter feito um convertido, ainda que tenha exaurido todas as expressões de seu eloquente pincel em uma série de doutrinas e milagres

papais. As imagens não podem se adaptar às piores habilidades, como infelizmente pode a língua. O *nonsense* pode tornar um aprendiz um católico ou um metodista; mas o aprendiz iria ver que uma imagem muito ruim de São Francisco não era como a verdade; e uma imagem muito boa estaria acima de seu sentimento. Imagens podem servir como auxiliares para a religião, mas são apenas um apêndice para a idolatria; pois as pessoas precisam ser ensinadas a acreditar em falsos deuses e no poder dos santos, antes que aprendam a adorar suas imagens. Não duvido que se alguns dos primeiros reformistas tivessem tido a liberdade de dizer o que pensavam, e não mais do que o que pensavam, teriam permitido uma das mais engenhosas artes implantadas no coração do homem pelo Ser Supremo, que seria empregada em seu louvor. Mas Calvino, por sua posição como chefe de uma seita, foi obrigado a ir a extremos. A vontade vulgar apenas se ergue por totais contradições: não é surpreendida por ver a religião sombreada de um modo um pouco mais escuro ou um pouco mais iluminado. Era apenas em Constantinopla que os próprios comerciantes tinham sutileza o suficiente para lutar por uma letra a mais ou a menos em um adjetivo grego<sup>2</sup> que expressasse uma ideia abstrata. Felizmente naquela época havia uma tão total extinção de toda animosidade partidária tanto na religião como na política, que os homens tinham liberdade para propor o que quer que pudesse ser útil para seu país, sem que isso fosse imputado a eles como um crime, e para inventar o que achassem que poderia proporcionar prazer sem perigo de desagradar pela própria tentativa.

Nessa época de senso comum, pode-se razoavelmente esperar ver as artes florescerem a uma altura tão orgulhosa como aquela que atingiram em Atenas, Roma ou Florença. A pintura fez até aqui apenas débeis esforços na Inglaterra. Nossa eloquência e a glória de nossas armas foram levadas ao mais alto nível. As artes mais pacíficas geralmente obtiveram em outros países a glória nacional. Se há quaisquer talentos entre nós, esta parece a crise de seu aparecimento. O próprio Trono é agora o altar das Graças, e quem quer que a elas ofereça sacrifícios decorosamente, é certo que suas oferendas serão favorecidas por um Príncipe, que é ao mesmo tempo o exemplo e o patrono

---

<sup>2</sup> No declínio do império havia duas seitas que agiam com a maior violência uma contra a outra na disputa sobre se a natureza da segunda pessoa era ὁμοείσιος, *co-essentialis*, ou ὁμοιόσιος, *similis essentialis*.

das realizações. A instituição de uma escola de estatuária na casa de um jovem<sup>3</sup> nobre de grande *status* rivaliza com a propalada magnificência de Príncipes estrangeiros. Quando temos abundância de heróis, oradores e patronos, seria duro se suas imagens não fossem transmitidas à posteridade por meio de graciosas representações.

Isso de modo algum significa depreciar os artistas que temos, mas inspirar com emulação aqueles que estão surgindo. Rysbrack, Roubilliac, Scheemaker, Wilton, honrariam qualquer país: mas até aqui seu talento foi de certo modo confinado a monumentos privados. Quando tivermos temas para a história, o público deverá ler nos edifícios públicos as ações de seus ancestrais e concidadãos em baixos-relevos: bustos e estátuas devem premiar o galante comportamento do bravo, e exibi-lo como modelo. O que torna Roma mais venerável do que cada uma de suas ruas ser uma ilustração de Plínio? A pintura foi circunscrita a limites tão estreitos quanto a estatuária; composições históricas [foram] totalmente negligenciadas. Reynolds e Ramsay careciam de temas, não de gênio. Há outro artista, que parece nascido para uma época de glória naval, e está à altura dela, o Sr. Scott. A arquitetura, o mais adequado campo em que o gênio de um povo, atingindo a superioridade, pode se erguer, parece reviver. O gosto e o talento do Sr. Adam é formado para obras públicas. O tratado do Sr. Chambers<sup>4</sup> é o mais sensível livro e o mais isento de preconceitos que jamais foi escrito sobre aquela ciência. Mas de todas as obras que distinguem essa época, nenhum talvez supere aquelas belas edições de Balbec e Palmyra — não publicada sob encomenda de um Luís XIV, ou às expensas de um sobrinho de cardeal, mas empreendida por curiosidade privada e bom senso, e confiada ao gosto de uma nação refinada. Quando eu me empenhar em fazer justiça às edições de Palmyra e Balbec, não me confinarei ao *encomium* das esculturas; os livros têm um mérito muito maior. As modestas descrições<sup>5</sup> prefixadas são modelos de escrita: a exata medida do que deveria e não deveria ser dito, e do que era necessário ser conhecido, nunca foi compreendida em dicção mais clara, ou estilo mais elegante. A pompa das construções não tem um ar mais nobre do que a

---

<sup>3</sup> O Duque de Richmond.

<sup>4</sup> *On civil architecture*, folio, 1759.

<sup>5</sup> Pelo Sr. Wood.

simplicidade da narração — mas devo me conter; ainda que seja agradável discorrer no justo elogio do próprio país; e aqueles que não são capazes de realizar eles mesmos grandes coisas, podem ainda ter a satisfação de fazer justiça aos que o podem. Se Juvenal era honesto em suas sátiras, teria ficado feliz se pudesse ter vivido para escrever o panegírico de Trajano.